

HANIF KUREISHI

# A última palavra

*Tradução*  
Rubens Figueiredo



Copyright © 2014 by Hanif Kureishi  
Todos os direitos reservados.  
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
The Last Word

*Capa*  
Jaya Miceli

*Preparação*  
Ciça Caropreso

*Revisão*  
Huendel Viana  
Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Kureishi, Hanif  
A última palavra / Hanif Kureishi ; tradução Rubens  
Figueiredo. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: The Last Word.  
ISBN 978-85-359-2668-2

1. Romance inglês I. Título.

---

15-09912 CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura inglesa 823

[2016]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Um

Harry Johnson olhava para a paisagem rural da Inglaterra pela janela do trem enquanto pensava que o tempo todo alguém estava contando alguma história. E, se sua sorte resistisse até o fim do dia, Harry seria contratado para escrever a história do homem que ia visitar. De fato, ele tinha sido escolhido para contar a história *completa* da vida de um homem importante, de um artista de destaque. Mas como a gente começa a fazer isso?, pensou ele com um calafrio. De onde a gente parte, e como terminar uma história que, afinal, ainda continua a ser vivida? Acima de tudo, será que ele, Harry, estava à altura de uma tarefa como aquela?

A Inglaterra pacífica, intocada por guerra, revolução, fome, distúrbios étnicos ou religiosos. No entanto, se os jornais diziam a verdade, a Grã-Bretanha era uma pequena ilha superpopulosa, fervilhante de imigrantes ativos, muitos deles agarrados às bordas do país, como num pequeno bote prestes a adernar. Não só isso, milhares de refugiados e pessoas em busca de asilo, ansiosas por escapar de conflitos no resto do mundo caótico, tentavam atravessar a fronteira. Alguns se amontoavam em caminhões ou

se penduravam embaixo do chassi dos trens; muitos cruzavam o Canal da Mancha na ponta dos pés, sobre cordas bambas estendidas acima do mar, ao passo que outros eram disparados em canhões instalados em Boulogne. Os fantasmas reinavam. Toda-via, desde a crise financeira, aparentemente, todos a bordo do país sentiam-se tão espremidos e claustrofóbicos que começavam a se encarar uns aos outros como animais aprisionados numa armadilha. Com a escassez iminente — poucos empregos, pensões reduzidas e previdência social minguada —, a vida das pessoas iria se deteriorar. A segurança do pós-guerra, na qual Harry e sua família haviam se formado, tinha desaparecido. Ainda assim, para Harry, agora, era como se o governo estivesse deliberadamente injetando uma forte dose de inquietação no corpo político, pois tudo que ele podia ver era uma Inglaterra verde e aprazível: gado saudável, campos bonitos, árvores podadas, regatos borbulhantes e o cintilante céu do início da primavera. Parecia não haver nem sombra de curva por vários quilômetros.

Ouviu-se o barulho de um esguicho e ele sentiu um espirro de cerveja no rosto. Virou a cabeça. Rob Deveraux, sentado de frente para ele, abria mais uma latinha, era um editor respeitado e inovador. Havia procurado Harry com a ideia de contratá-lo para escrever a biografia de um escritor importante, Mamoon Azam, nascido na Índia, romancista, ensaísta e dramaturgo que Harry admirava desde os tempos da adolescência, quando era louco por livros, um obcecado especialista em frases, um garoto para quem os escritores eram deuses, heróis, astros do rock. Harry se mostrou imediatamente receptivo e empolgado. Depois de anos de estudo e obediência, as coisas começavam a melhorar para ele, como seus professores haviam previsto, caso ele se concentrasse em seus pensamentos e fechasse a braguilha e os lábios. Aquela era sua chance; ele quase chorou de alívio e entusiasmo.

Ele merecia, tinha de admitir. Alguns anos antes, à beira dos trinta, Harry havia publicado uma biografia de Nehru que foi bem recebida, contendo muitas informações novas e, embora agora a história familiar, conforme a nova praxe, tivesse de ser ligeiramente apimentada com coitos inter-raciais, sodomia, alcoolismo e anorexia, a obra foi considerada, no todo, esclarecedora. Até os indianos gostaram. Para Harry, foi um “dever de casa”. Agora, ele escrevia resenhas de livros e dava aulas, enquanto procurava um projeto novo para investir sua paixão criativa, energia e dedicação; algo que fizesse sua fama, assim esperava, projetando-o no mundo público e num futuro cor-de-rosa.

Hoje, numa radiante manhã de domingo, Harry e Rob viajavam de trem para Taunton a fim de visitar Mamoon na casa onde o legendário escritor havia morado durante quase toda a sua vida adulta e que agora dividia com a segunda esposa, Liana Luccioni, uma italiana impetuosa de cinquenta e poucos anos. O mundo visto pela janela — a sua Inglaterra — manteria Harry calmo e relaxado, se Rob, como um treinador de boxe, não insistisse em incentivar e atiçar seu garoto, preparando-o para o combate iminente.

Rob explicava que era tanto uma vantagem quanto um transtorno escrever sobre uma pessoa ainda viva. O próprio tema do livro vai ajudar você, disse ele, enquanto Harry enxugava a cerveja do rosto com o lenço. O passado poderia adquirir novas tonalidades, quando o próprio tema do livro olhasse para trás — e a tarefa de Harry era incentivar Mamoon a se voltar para o passado. Rob não tinha nenhuma dúvida de que Mamoon ia ajudar Harry, pois Mamoon havia admitido, afinal, que o livro seria algo fundamental. Liana estava se revelando uma esposa extravagante, ou mesmo mais dispendiosa e, para todos os efeitos, mais explosiva do que qualquer outra mulher que Mamoon experimentara até então. Rob dizia que era como se Gandhi ti-

vesse se casado com Shirley Bassey e os dois tivessem ido morar em Ambridge.

Mamoon era muito respeitado no mundo literário, bem como pelos jornais de direita. Afinal, era um escritor do subcontinente indiano de quem eles podiam gostar, alguém que achava que a supremacia, sobretudo das pessoas bem-educadas, bem informadas e inteligentes — pessoas que, estranhamente, se pareciam com ele —, era preferível à burrice universal ou até à democracia.

No entanto, sendo demasiado cerebral, inflexível e atormentado para ter um público leitor numeroso, Mamoon estava se arruinando financeiramente; apesar dos elogios e dos prêmios, ele se encontrava numa encruzilhada fiscal. No momento, travava negociações para vender seus arquivos a uma universidade americana. Antes que se visse também obrigado a renovar a hipoteca de sua casa, sua esposa e seu agente concordaram que a melhor maneira de revitalizar sua carreira malparada — Mamoon se tornara o tipo de escritor de quem as pessoas perguntam: “Mas você sabe se ele ainda está vivo?” — era publicar uma biografia nova e “controversa”, que estampasse na capa o biografado como um jovem irresistivelmente bonito e perigoso. A imagem marcante e memorável seria tão importante quanto as palavras: pense em Kafka, Greene, Beckett, escritores cujo ar taciturno nunca impediu que se fizessem fotos apelativas e melancólicas. Portanto esse era o livro que Harry ia escrever. A biografia seria um “acontecimento”, um “grande impacto”, acompanhada, é claro, por um documentário na televisão, entrevistas, uma turnê de leituras e a republicação dos livros de Mamoon em quarenta idiomas.

Por outro lado, prosseguiu Rob, o fato de o autor estar vivo podia inibir um biógrafo. Rob havia se encontrado com o homem uma dúzia de vezes; e dizia que Mamoon tinha a seu favor o fato de estar mais para Norman Mailer do que para E. M. Forster. Inibição, admitia Rob, era algo de que Harry não tinha

nenhuma necessidade, no caso. Não combinaria com o tema da biografia.

Harry, por sua vez, achava que Rob estava mais para Norman Mailer do que Mamoon, o qual se mostrara contido e reservado na única vez em que Harry tinha estado com ele. Rob era um rebelde descabelado e de barba por fazer que em geral cheirava a álcool. Hoje, na verdade, ele chegara bêbado e, assim que entraram no trem, começou a beber cerveja — enquanto comia batatinhas fritas sem parar, as migalhas grudando em seu rosto e em suas roupas como flocos de caspa. Rob achava que escrever era uma forma de combate radical e a “graça salvadora” da humana-dade. Para ele, o escritor tinha de ser o próprio demônio, um perturbador de sonhos e destruidor de utopias vãs, o portador da realidade e um rival de Deus em seu desejo de criar mundos.

Harry, muito sério, assentia com a cabeça para Rob, do outro lado da mesa, como sempre fazia; não queria deixar transparecer nenhum sinal de temor.

Se Harry se considerava uma pessoa cautelosa ou até mesmo conservadora, Rob parecia incentivar seus autores à combatividade, à dissipação e à “autenticidade”, por medo, pensavam alguns, de que o ato e a arte de escrever, ou até de editar, parecesse algo “artístico”, feminino, afrescalhado ou quem sabe gay. Deixando de lado Mamoon, Harry tinha ouvido inúmeras histórias sobre as tendências “sociopatas” de Rob. Ele não chegava ao escritório antes das cinco da tarde, embora ficasse lá a noite inteira, editando, telefonando e trabalhando, talvez dando um pulo no Soho. Tinha se casado não fazia muito tempo, mas parecia ter esquecido que casamento era um estado contínuo, e não um evento de uma noite só. Dormia em lugares diferentes, muitas vezes em condições desconfortáveis e com um livro sobre o rosto, ao mesmo tempo que parecia habitar uma zona temporal que se desintegrava e se expandia conforme a sua necessidade

e não a do relógio, que ele julgava fascista. Se ficasse entediado com alguém, dava-lhe as costas, quando não um tapa. Cortava o texto de seus escritores de forma arbitrária, ou mudava o título, sem informá-los.

Não que Harry se importasse muito com as histórias de loucura, pois sabia que só os insanos alcançavam coisas importantes. Além do mais, a empresa editorial de Rob ganhara numerosos prêmios e Rob era poderoso, persuasivo e potente. Depois de ter almoçado e conversado com ele em festas durante cinco anos, Harry não podia dizer até agora que, pessoalmente, havia testemunhado muita devassidão. Rob figurava nas listas das pessoas mais modernas de Londres e tinha tanto de artista quanto um ousado produtor de cinema ou de música. Fazia as coisas acontecerem e assumia riscos; diziam que era “entrão”. Harry jamais sonhara que Rob poderia convidá-lo para trabalhar com ele. Não só isso: Rob pagaria para Harry um adiantamento substancial por aquele livro. Se Harry pedisse dinheiro emprestado ao pai, poderia dar a entrada para a casinha que queria comprar com Alice, sua namorada, com quem estava fazia três anos e que tinha se mudado para o apartamento de solteiro dele. Os dois haviam conversado sobre filhos, embora Harry achasse que deviam se estabelecer melhor antes de tomar a decisão.

Fazia pelo menos um ano que, enquanto amadurecia, Harry vinha alimentando a ideia de que precisava ganhar bem. Essa não era sua prioridade máxima, que era ser sério, mas começava a perceber que a lista de realizações na vida talvez desse incluir uma robusta soma de dinheiro no banco, um símbolo de seu status, de sua capacidade e de seus privilégios. Rob se propusera a ajudar nisso, alimentando o sonho de Harry. Estava na hora. “Eu sou seu Mefistófeles e agora o declaro oficialmente rock ‘n’ roll”, disse Rob. “Virá o dia, é claro, em que você terá de me agradecer por isso. E me agradecer muito. Talvez você me dê um selinho com gratidão ou, quem sabe, um beijo de língua.”